

SIMPLESMENTE AURÉLIO

Américo Venâncio Lopes Machado Filho
(Universidade Federal da Bahia)

A língua portuguesa, que estreara sua escrita nos caros pergaminhos, precoce e arrojadamente ainda no século XIII, exibiu, em sua grafia, por um longo tempo, um grau de variação que seria inconcebível para as mentalidades letradas de hoje. O caminho em direção à padronização da escrita se inicia com a publicação dos primeiros estudos metalinguísticos em vernáculo, isto é, a *Gramática da linguagem portuguesa* (1536), de Fernão de Oliveira, e a *Gramática da língua portuguesa* (1540), de João de Barros.

A necessidade de estabelecimento de uma referência supranormativa, que servisse de guia a todos aqueles que comungavam aquela mesma língua – que há algum tempo se distanciara do latim – passou, então, a suscitar nas sociedades modernas a construção de um saber que pudesse registrar adequadamente o processo de proliferação constante de seu léxico, ou seja, uma forma de poder conservar, para a posteridade – se é isso possível –, uma história que se construía e se constroi no dia-a-dia social, pelos usos e desusos do que o senso comum passou a chamar de "palavra".

Os trabalhos de natureza dicionarística, entretanto, custaram muito a se desenvolver. A construção do conhecimento lexicográfico em português surge apenas incipientemente a partir da segunda metade do século XVI e desde então tem-se baseado em referências arquetípicas de grandes obras precedentes. Isso equivale dizer que, embora algum esforço tenha sido empreendido por alguns lexicógrafos precursores, os dicionários contemporâneos continuam, em geral, sendo mera cópia, mesmo por vezes acrescida, do que os grandes dicionários do passado puderam registrar.

No Brasil, uma das mais expoentes personalidades dessa área do conhecimento é um homem, cujo prenome se confunde com sua própria obra. Aurélio Buarque de Holanda Ferreira é simplesmente Aurélio para muitos brasileiros. O esforço coletivo sintetizado no nome de uma personalidade – que, se viva estivesse, teria completado, no último dia 3 deste mês de maio, cem anos de existência –, rejuvenesce-se periodicamente, merecendo recentemente de sua editora o epíteto de "novo", como é o caso do *Aurélio: século XXI*, postumamente publicado.

Em um *Flos Sanctorum*, manuscrito hagiográfico medieval português, produzido no século XIV, encontra-se patente um curioso diálogo entre um frade e um homem

velho e sábio. O primeiro lhe pergunta: "Que é o que salva o homem? O nome ou a fama ou a obra que faz?" E o monge velho lhe responde: "A obra que faz". No caso de Aurélio parece que tudo se salvou, *i. e.*, o nome, a obra, assim como a tão desejada, mas ameaçadora fama.

Quem, neste país, que disponha de algum grau de escolarização, nunca terá tido a necessidade de consultar o *Aurélio* para desvendar, porventura, o significado de alguma palavra ou lexia, ou lhe encontrar termos correlatos para fugir da aridez ou rotina de sua construção textual? Certamente, poucos. Aqueles que ainda não o fizeram poderão quiçá neste próprio texto encontrar alguma motivação para tal, já que a linguagem especializada recai sempre no domínio do infando e do inaudível, para alguém.

Sem pretender desabonar a importância do *Aurélio*, não se pode, todavia, deixar de esclarecer que os dicionários de língua portuguesa, no geral, ainda desconhecem na sua construção alguns ditames básicos da teoria lexicográfica moderna, sobretudo os que concernem às estratégias de codificação semântica dos itens lexicais arrolados em sua nomenclatura.

Uma consulta a esses dicionários demonstra como a tradição lexicográfica de língua portuguesa tem, especificamente nesse aspecto, demonstrado certa imprecisão para a denotação dos elementos. As definições são normalmente elaboradas sob o espectro da sinonímia, podendo conduzir, por vezes, o leitor à sensação de que "amor" e "paixão", por exemplo, possam revelar um mesmo sentimento.

Mas isso são questões teóricas que não chegam a ofuscar seu valor, pois esses verdadeiros monumentos da língua portuguesa, frutos de trabalho árduo, ininterrupto e coletivo são obra necessária e fazem com que as gerações futuras possam conhecer a realidade lexical que lhes antecedeu e permitir que a renovação se processe a cada página que se acrescente pela força do novo. Será talvez dessa forma com o *Aurélio*.

Aliás, *Aurélio* é antigo nome romano de etimologia duvidosa. Sabe-se, porém, que a hipótese mais aceita para sua origem é a de que derivaria do adjetivo latino *aureus*, 'áureo', 'de ouro', 'refulgente', 'resplandecente'. Simplesmente assim.